

# Musicoterapia Intergeracional – uma realidade possível<sup>1</sup>

**Sofia Cristina Dreher**

sofiadreher@hotmail.com

Bacharel em Musicoterapia pela FAP; Especialista em Comunicação e Semiótica pela PUC-PR; Mestre em Filosofia pela UNISINOS. Musicoterapeuta clínica AMT-RS 402/2006.

**Resumo:** A musicoterapia intergeracional vem ganhando espaço no contexto latino- americano. O presente artigo visa demonstrar a implementação desse trabalho em uma instituição de longa permanência – ILPI no âmbito brasileiro, desde a sua concepção, busca por materiais até os resultados provindos deste trabalho.

**Palavras-chave:** Musicoterapia intergeracional. Relação idoso-criança. Musicoterapia.

---

<sup>1</sup> Trabalho inscrito no concurso “Lia Rejane Mendes Barcellos: vida e obra” promovido pelo Seminário Estadual de Musicoterapia - 50 anos da AMT-RJ: De onde viemos, para onde vamos? Rio de Janeiro, Setembro de 2018.

## **Introdução**

*Uma pessoa só é uma pessoa por causa das outras pessoas*

*- provérbio Zulu –*

Em uma sessão de musicoterapia com idosos em uma ILPI, onde a bisneta de uma residente esteve presente, pude observar o acender de muitos idosos com a presença dela. Tratava-se de uma criança por volta de seus três anos de idade. O alvoroço estava instalado. “olha que menina mais fofa”; “vem cá com a vovó”. A menina então se dispôs a me ajudar a entregar e recolher algumas folhas de canto, o que tornou a aproximação ainda maior, com recompensas de beijos e abraços. Aquela imagem não saiu mais da minha cabeça, pois vi o despertar de alguns idosos como nunca tinha visto antes. Dali em diante iniciaram as tratativas com o lar e a busca por um grupo de crianças que pudesse participar conosco das sessões de musicoterapia. De outro lado, passei a buscar leituras e relatos desses encontros entre gerações.

## **Características dos grupos de escolha**

O lar de idosos no qual realizei os encontros intergeracionais é um lar de classe média alta. Trago essa informação, para que possamos visualizar a história de vida dos idosos residentes neste local. Muitos deles foram secretários de consulados, vereadores, esposas de governadores, professoras, mas há também agricultores que hoje podem estar ali através do custeio de seus filhos. Muitos tiveram a oportunidade de conhecer diversas partes do mundo, de frequentar conservatórios, de ter acesso à cultura.

No momento de escolher uma turma de crianças, em conversa com a casa, optamos por acolher crianças de escolas públicas, que normalmente não tem acesso a atividades diversificadas. Entrei em contato com uma creche municipal, onde expliquei a proposta que foi prontamente acolhida. A escolha da turma ficou a cargo da equipe pedagógica.

No segundo semestre de 2016 iniciamos então os encontros que eram realizados uma vez por mês com duração de 1 hora. O lar se dispôs a pagar o transporte para o deslocamento das crianças e professoras até a escola.

## **A busca por experiências anteriores**

Quando iniciei a busca por materiais para a formatação do projeto, Lia Rejane Mendes Barcellos me forneceu prontamente seu artigo intitulado: “La Musicoterapia en el campo psicosocial en Brasil: la problemática de la comunicación intergeneracional” apresentado no II Encuentro Iberoamericano de musicoterapia sob o tema Musicoterapia en las relaciones intergeneracionales en Iberoamérica na cidade de Bogotá, entre os dias 18 y 19 de noviembre de 2015 na Universidad Nacional de Colombia. No artigo Lia Rejane traz inúmeros trabalhos de musicoterapeutas brasileiros que realizaram trabalho musicoterapêutico com gerações diferentes, mas com enfoques diferentes da musicoterapia intergeracional. O livro conta ainda com riquíssimas contribuições de toda a América Latina sobre o tema.

Na mesma época, entrei em contato com o documentário Present Perfect de Evan Briggs (2015), disponível na internet. O documentário inicia com o provérbio Zulu que diz: “Uma pessoa só é uma pessoa por causa das outras pessoas”. Se nos tornamos pessoas a partir da convivência com o outro, precisamos repensar e retomar essas relações. O documentário não retrata nenhum trabalho de musicoterapia, mas traz à tona a convivência entre crianças e idosos em um mesmo ambiente. Ele nos convida a refletir sobre “o que os mais jovens e os mais velhos tem a oferecer uns aos outros com o presente sendo seu único reino compartilhado”.

Nos últimos tempos, tempos de modernidade líquida, conforme Zigmunt Bauman(2001), assistimos o fragilizar de inúmeras relações, seja no contexto professor-aluno, pais-filhos; mas também idoso-criança. Crianças que cada vez mais convivem menos com pessoas idosas, principalmente quando estão num estágio mais adoentado. Normalmente esses idosos se encontram em lares e/ou em hospitais, o que já gera em si uma desculpa, pois esses não seriam locais para crianças! Da mesma forma, enquanto sociedade, parecemos esconder a realidade de nossa finitude para toda uma geração de crianças e jovens. A partir dessas e de outras reflexões, passei então a elaborar não apenas uma aproximação, mas uma interação entre essas gerações.

### **Musicoterapia intergeracional**

Arrisco a dizer que, assim como em outros campos de atuação da musicoterapia, já vínhamos realizando diversos trabalhos na área, mas que, por um motivo ou outro, não denominamos como musicoterapia intergeracional. Lembro

que assim foi quando no ano de 2006 tivemos o XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia na cidade de Goiânia/GO e na ocasião o MT norueguês Brynjulf Stige(2006) realizou palestras acerca do tema Musicoterapia Comunitária. Após ouvirmos a sua explanação, era comum ouvirmos nos bastidores que diversos musicoterapeutas já realizavam trabalhos dentro dessa perspectiva, porém não a intitulavam como tal.

Mas como podemos identificar um trabalho de cunho intergeracional? Silvia Andreu Munõz(2015), musicoterapeuta chilena, relata com base em documentos da Unesco de 2001 que:

trabajar desde una mirada intergeneracional consiste en facilitar las relaciones de apoyo entre personas de diferentes generaciones, entendiendo que los programas intergeneracionales son una herramienta que propicia el intercambio de recursos, experiencias y aprendizaje entre las generaciones jóvenes y viejas(MUNÕZ, 2015, p. 57).

A musicoterapeuta Gabriela Wagner(2015) relata que podemos pensar então na musicoterapia intergeracional como a aplicação de recursos e técnicas específicas de interação terapêutica sonoro-musicais em um processo de intervenção preventivo grupal social e comunitário com o objetivo de promover as relações entre duas ou mais gerações distintas que convivem em um mesmo tempo, buscando respostas conjuntas a necessidades, carências e desejos.

Esse buscar por respostas conjuntas a necessidades, carências e desejos foi o que mais me moveu no refletir e organizar as sessões. Não se tratava de fazer uma aula de musicalização infantil para os idosos assistirem, nem tão pouco realizar as sessões de musicoterapia com o grupo de idosos institucionalizados para as crianças verem. Buscar atividades que fossem ao encontro das necessidades de ambos, era o desafio.

No ano de 2018 estamos realizando o quinto semestre de atividades, com a terceira turma, sendo que a professora que acompanha esse projeto é sempre a mesma.

### **A prática**

Os encontros acontecem uma vez por mês com duração de uma hora. Segundo relatos da professora, a primeira grande experiência das crianças foi justamente o transporte. Cada um comentava algo que via através da janela da

van. Para nós tão comum, mas uma descoberta para crianças que chegam na pré-escola dormindo e voltam para casa no início da noite, quando tudo já está escuro novamente.

Quando recebo as crianças, a cada ano, explico a elas que aquele prédio abriga vovôs e vovós que precisam de cuidados. Eles então me contam que possuem avós e me relatam se moram sozinhos, se precisam de ajuda. Em nossa primeira experiência havia uma criança que havia sido criada pela avó e que tinha perdido ela há pouco tempo. Cada criança e cada idoso que ali estava tinha uma história que trazia consigo, mas qual seria a história que nós iríamos construir?

As reações foram as mais diversas, por parte das crianças houve abraços espontâneos, medos diante de sondas nasogástricas, choros diante do desconhecido. Assim como os idosos também demonstraram diferentes reações, alguns reclamaram do “barulho”, outros perguntavam quando iriam retornar, alguns pegavam no colo, outros deram pirulito, algumas bengaladas também! Já devem ter escutado a famosa frase de que o início e o final da vida se assemelham muito. Ambos os grupos são muito espontâneos em seus dizeres e ações e a percepção de tempo é diferente daqueles que se encontram no mercado de trabalho.

### **Objetivos**

A partir de todo o apanhado, passei então a traçar os objetivos para o trabalho de Musicoterapia Intergeracional. Lembrem-se que o centro está em buscar respostas conjuntas a necessidades, carências e desejos de ambas as gerações.

O primeiro e principal objetivo foi o de promover vínculos intergeracionais. Aqui entendo que há uma via de mão dupla. A criança precisa ser reconectada com o idoso para que receba aquele afeto que é diferente do recebido de seus pais, pois precisam colocar o limite implicado na relação num patamar muito mais incisivo do que os avós. Da mesma forma, o idoso precisa se reconectar com a pureza, a inocência e a alegria da criança. Lembrar-se que as preocupações não ocupam um espaço central no mundo delas.

Como segundo objetivo, coloquei o estimular a movimentação corporal e o contato. O idoso tem muita resistência em se exercitar, já a criança é puro corpo! Através da música consegui com que essa movimentação fosse um pouco mais prazerosa, mas com a presença da criança, todas as expectativas foram superadas.

Idosos que não mexiam sequer o braço, levantam o mesmo até a metade! Havia um “tenho que mostrar que consigo fazer” implicado na relação. Por outro lado, as crianças entraram em contato com idosos que só conseguiam mexer um lado do corpo, que não possuíam tanta agilidade para segurar o balão, bater palmas com eles, entre outros exemplos. O contato corporal, além de ter a questão de medo implicado frente às limitações físicas dos idosos, também trouxe à tona a questão da personalidade das crianças, algumas mais amorosas, outras mais tímidas, mas também da experiência de carinho que recebiam em casa. A premissa de que só podemos dar aquilo que recebemos, ficou bem nítida durante o processo.

O terceiro objetivo foi o exercitar o trabalho em grupo. Promovi diversas atividades onde o par idoso-criança era a pedra fundamental para a realização e êxito da atividade. Desse movimento surgiram inúmeras descobertas. As crianças passaram a ver os idosos como portadores de conhecimento e sujeitos de uma história. Passaram a escutar que eles também cantavam canções que eles conheciam, quando eles eram criança; que exerceram funções as quais seus pais também exercem. O imaginário foi sendo construído de ambas as partes.

Certo dia realizamos uma atividade com o uso da canção “Peixe Vivo”. Após cantarmos a canção pela primeira vez, perguntei ao grupo se o peixe podia viver fora da água. As crianças logo me responderam que não. Perguntei então por quê? E elas retornaram me dizendo que o peixe morre! Continuei então questionando o grupo se nós podíamos viver sozinhos? Ao que o grupo respondeu que não. Mas na sequência, um menino nos disse que tinha uma vovó que era vizinha dele e que morava sozinha! Perguntei então se ele costumava conversar com ela ou se ele via que outras pessoas iam lá. E me disse que sim. Concluí com o grupo dizendo que sempre precisamos do outro, sendo nós crianças ou vovós e vovós e que, quando fazemos algo juntos, tudo se torna bem mais fácil!

No final de cada sessão, os idosos vinham me contar que tal criança tinha perdido a avó, que outra não tinha mãe. Com os vínculos fortalecidos, as histórias foram sendo tecidas, construídas, e o medo e o temor foram dando espaço para o contato e o carinho.

Lembro que num mês as crianças ficaram assustadas com a sonda nasogástrica que um senhor portava. No mês seguinte, avistaram um senhor parecido sem a sonda e logo gritaram: “olha, ele melhorou!”. Na verdade o senhor havia falecido, mas a cena traduz que eles veem, sentem e percebem, mesmo que nem sempre verbalizem.

Outros objetivos foram sendo colocados e retirados ao longo do processo e das turmas que foram participando dessa construção.

### **Considerações finais**

Em nosso primeiro ano de experiência, recordo que algumas professoras que vieram acompanhar o grupo de crianças, não retornaram ao lar. A professora titular me relatou que as mesmas ficaram muito tocadas com a situação de alguns idosos e que aquele contato as deixava depressivas. Trabalhar com a temática do final da vida, seja com idosos, com pacientes oncológicos, portadores do vírus da HIV e tantas inúmeras e diversas situações-limite da vida, definitivamente não é para todas as pessoas. Assim como o trabalhar com crianças também requer um perfil especial. Cada um de nós conhece, ou pelo menos deveria reconhecer as suas limitações.

Acredito que quanto mais convivemos com a realidade, mais ela se torna “normal” aos nossos olhos. Aquilo que antes assustava, passa então a ser percebido como algo rotineiro daquele grupo. Rollo May em sua obra *Liberdade e destino* (1981) relata que viver exige escolha e compromisso, mas também a aceitação daquilo que não pode ser mudado. No oriente o idoso é tratado como o sábio, como aquele que merece toda reverência e cuidado, pois detém a sabedoria de vida que os demais ainda não atingiram. Ainda estamos longe dessa reverência, pois em nosso país grande parte da população trata o idoso como alguém que não produz mais, portanto sem valor para a nossa sociedade de consumo. É bem verdade que a indústria de turismo já percebeu que uma parcela dessa população pode lhe dar grandes lucros, uma vez que a longevidade é uma realidade. Mas para além do lucro, precisamos nos questionar sobre o local onde inserimos os idosos em nossa sociedade, que papel estamos dando a eles. Apenas para exemplificar, nesse mesmo lar onde trabalho, uma escola de outra cidade traz seus alunos de alemão para conversarem com os idosos durante algumas horas na semana, para que possam treinar o idioma, uma vez que em casa seus pais não conhecem mais a língua. Vocês podem imaginar o orgulho que esses idosos têm de serem professores desses jovens. Eles me relatam: “nunca pensei que nessa idade ainda pudesse ser útil a alguém!”

Assim como a experiência da população desse trabalho, o início e o fim da vida interagindo juntos, também finalizo esse artigo com as palavras que o introduzi: Uma pessoa só é uma pessoa por causa das outras pessoas – provérbio

Zulu. O filósofo Martin Buber em sua obra EU TU reforça que o Eu se torna Eu em virtude do TU. Isto não significa que devo a ele o meu lugar. Eu lhe devo a minha relação a ele(2012). Como terapeutas construímos relações constantemente e auxiliamos para que nossos pacientes reaprendam a construir relações saudáveis. Como pessoas, vamos nos constituindo ao longo de toda nossa vida através de relações que vamos tecendo com outros TUs que encontramos. Lia Rejane, quantas relações já construístes ao longo de tua jornada chamada musicoterapia? Tenho certeza e ousa dizer, nós, enquanto comunidade musicoterapêutica, temos a certeza de que construístes inúmeras relações. Nosso caminhar, nosso construir sempre estiveram ao lado de tuas conquistas e construções. Uma teia que se entrelaça constantemente. Não tive a oportunidade de ser sua aluna em sala de aula, mas assim como tantos outros colegas aprendo através de suas publicações e palestras. E que elas continuem a nos inspirar na construção de nossa profissão! Agradeço através das palavras da grande dama argentina Mercedes Sosa:

*Gracias a la vida, que me ha dado tanto  
Me dio dos luceros, que cuando los abro  
Perfecto distingo, lo negro del blanco  
Y en el alto cielo su fondo estrellado  
Y en las multitudes el hombre que yo amo*

*Gracias a la vida, que me ha dado tanto  
Me ha dado el sonido del abecedario  
Con él las palabras que pienso y declaro  
Madre amigo hermano  
Y luz alumbrando, la ruta del alma del que estoy amando*

*Gracias a la vida, que me ha dado tanto  
Me ha dado la marcha de mis pies cansados  
Con ellos anduve ciudades y charcos  
Playas y desiertos, montañas y llanos  
Y la casa tuya, tu calle y tu patio  
Gracias a la vida, que me ha dado tanto  
Me dio el corazón, que agita su marco  
Cuando miro el fruto, del cerebro humano  
Cuando miro el bueno tan lejos del malo  
Cuando miro el fondo de tus ojos claros*

*Gracias a la vida que me ha dado tanto  
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto  
Así yo distingo dicha de quebranto  
Los dos materiales, que forman mi canto  
Y el canto de ustedes que es el mismo canto  
Y el canto de todos que es mi propio canto  
Gracias a la vida, gracias a la vida  
Gracias a la vida, gracias a la vida*

## Referências

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. La Musicoterapia en el campo psicosocial en Brasil: La problemática de la comunicación intergeneracional. In: Luna, Carmem Barbosa e Russi, Miguel Suarez. **Musicoterapia en las Relaciones intergeneracionales en Iberoamérica**. Memorias de la Segunda Jornada Iberoamericana de Musicoterapia, Facultad de Artes Universidad Nacional de Colombia. Noviembre 18 - 19 de 2015, p. 39-54.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de [Plinio Augusto de Souza Dentzien](#). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BUBER, Martin. **EU e TU**. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. 10ª edição revista. 4ª Reimpressão. São Paulo: Centauro, 2012.

HERSCH, Jeanne. **Karl Jaspers**. Brasília: UNB, 1982.

MAY, Rollo. **Freedom and destiny**. Nova York: W. W. Norton & Company, 1981.

MUNÓZ, Silvia Andreu. Experiencias intergeneracionales con música y musicoterapia. In: Luna, Carmem Barbosa e Russi, Miguel Suarez. **Musicoterapia en las Relaciones intergeneracionales en Iberoamérica**. Memorias de la Segunda Jornada Iberoamericana de Musicoterapia, Facultad de Artes Universidad Nacional de Colombia. Noviembre 18 - 19 de 2015, p. 55-69.

PRESENT Perfect. Direção Evan Briggs. Seattle – WA, 2015. 4 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HUWhOH7Z1ic>

STIGE, Brynjulf. **Community Music Therapy**: exemplos, origens, influências e definição. Curso ministrado durante o XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, VI

Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e II Encontro Nacional de Docência em Musicoterapia. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2006.

WAGNER, Gabriela. Música y musicoterapia en las relaciones intergeneracionales “La musicoterapia como puente entre abuelos y nietos huérfanos”. In: Luna, Carmem Barbosa e Russi, Miguel Suarez. **Musicoterapia en las Relaciones intergeneracionales en Iberoamérica**. Memorias de la Segunda Jornada Iberoamericana de Musicoterapia, Facultad de Artes Universidad Nacional de Colombia. Noviembre 18 - 19 de 2015, p. 19-38.